

Artigo Original

Dilema da redistribuição-reconhecimento: Remédios para as injustiças de gênero

Redistribution-recognition dilemma: remedies for gender injustices

Gabriela Aparecida Ribeiro de Araújo Costa¹

Acadêmica dos cursos de Bacharelado em Direito (FAESF) e Licenciatura Plena em História (UESPI)¹

RESUMO

As injustiças de gênero são decorrentes de uma série de fatores que envolvem desde às lutas de classe até os aspectos culturais imbricados na sociedade. Com o intuito de entender as relações entre o dilema da redistribuição-reconhecimento, abordado por Nancy Fraser (2006), relacionadas ao gênero, esta pesquisa tem como objetivo identificar as problemáticas concernentes ao gênero no meio social. A presente pesquisa parte da análise do artigo “Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”, de Nancy Fraser, que traz indagações válidas para os problemas sociais contemporâneos, bem como remédios para sanar as demandas da população. A metodologia utilizada está baseada em pesquisa bibliográfica, que teve como foco principal o artigo de Nancy Fraser, e artigos científicos que discutem acerca da temática. Constatou-se que a dualidade redistribuição/reconhecimento são fundamentais para a resolução dos problemas da atualidade. Dessa forma, conclui-se que para a problemática do gênero exige-se tanto redistribuição como reconhecimento, e que a desconstrução de determinismos impostos socialmente é de fundamental importância.

Palavras-chave: Injustiças de gênero. Redistribuição. Reconhecimento.

ABSTRACT

Gender inequities stem from a number of factors ranging from class struggles to cultural aspects imbricated in society. In order to understand the relationship between the redistribution-recognition dilemma, addressed by Nancy Fraser (2006), related to gender, this research aims to identify the issues concerning gender in the social environment. The present research starts from the analysis of the article "From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a "post-socialist" era, by Nancy Fraser, which brings valid questions to contemporary social problems, as well as remedies to heal the demands of the population. The methodology used is based on bibliographical research, whose main focus was the article by Nancy Fraser, and scientific articles that discuss the subject. It was found that the redistribution / recognition duality are fundamental for solving current problems. In this way, it is concluded that for the gender issue both redistribution and recognition, and that the deconstruction of socially imposed determinisms is of fundamental importance.

Key words: Injustices of gender. Redistribution. Recognition.

INTRODUÇÃO

O dilema da redistribuição-reconhecimento, de que trata Nancy Fraser em seu artigo “Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da

justiça numa era pós-socialista”, nos possibilita problematizar acerca de certos assuntos, que em determinados âmbitos são menosprezados. O referido artigo traz a ideia da “luta por

reconhecimento” como conflito central da passagem do século XX para o XXI, englobando questões políticas relacionadas principalmente pelo “reconhecimento da diferença” onde as questões voltadas à nacionalidade, etnicidade, gênero, raça e sexualidade irão caracterizar-se como elementos preponderantes para gerar esses conflitos pós-socialistas.

A partir desses conflitos, o embate entre identidade e dominação cultural ganha força na busca de um reconhecimento cultural, em que a identidade de grupo, de acordo com Nancy Fraser (2006), se sobrepõe ao interesse da classe, tornando-se pois o elemento de ligação que gera a mobilização política, e a dominação cultural traz à tona a ideia de exploração – fator preponderante para as injustiças sociais e econômicas, e o reconhecimento cultural surge como um remédio para essas injustiças:

Nestes conflitos “pós-socialistas”, a identidade de grupo suplanta o interesse de classe como o meio principal da mobilização política. A dominação cultural suplanta a exploração como a injustiça fundamental. E o reconhecimento cultural toma o lugar da redistribuição socioeconômica como remédio para a injustiça e objetivo da luta política. (FRASER, 2006, p. 231)

Dessa forma, com base no pensamento de Fraser (2006), podemos chegar no ponto crucial deste artigo: as desigualdades. A desigualdade é um problema social que está relacionado à má distribuição de renda, outrossim, a desigualdade não se resume apenas às questões intrínsecas à fatores econômicos, como também a fatores culturais, que resultam nos econômicos. É uma problemática complexa, mas que é importante para a compreensão em todos os aspectos, pois vai muito além de apontar um único fator responsável por as desigualdades existentes. Contudo, é fundamental entendermos e pontuarmos as ações determinantes para essa mazela social, e trazendo para o Brasil, essa realidade é ainda mais preocupante, tendo em vista que nossa população é composta por uma maioria de negros e ainda assim, essa maioria da população encontra dificuldade de inserção

tanto no mercado de trabalho, quanto nas universidades.

Cumprir dizer que, é de fundamental importância discorrer sobre o reconhecimento e a redistribuição, uma vez que esses conceitos são determinantes para que se possa pensar em sanar as necessidades da atualidade. Para Fraser (2006), somente associando as problemáticas envolvendo reconhecimento e redistribuição, conseguiremos corresponder às demandas sociais, sendo assim, ela traz uma distinção analítica de duas maneiras genéricas para se compreender a injustiça. Antes de adentrarmos a essa análise, é interessante destacar que a injustiça é um fator preponderante para as discussões aqui levantadas, podendo ser ela econômica, cultural ou simbólica. Assim, Fraser(2006) traz uma dualidade existente entre

reconhecimento/redistribuição, em que a redistribuição dos recursos e riquezas seriam,

digamos que a solução para essas injustiças do atual contexto em que vivemos.

Insistirei em distinguir analiticamente injustiça econômica e injustiça cultural, em que pese seu mútuo entrelaçamento. O remédio para a injustiça econômica é alguma espécie de reestruturação político-econômica. Pode envolver redistribuição de renda, reorganização da divisão do trabalho, controles democráticos do investimento ou a transformação de outras estruturas econômicas básicas. Embora esses vários remédios difiram significativamente entre si, doravante vou me referir a todo esse grupo pelo termo genérico “redistribuição”. (FRASER, 2006, p. 232)

Da mesma forma, o reconhecimento é apresentado como uma forma de solução para

as injustiças decorrentes da contemporaneidade:

O remédio para a injustiça cultural, em contraste, é alguma espécie de mudança cultural ou simbólica. Pode envolver a revalorização das identidades desrespeitadas e dos produtos culturais dos grupos difamados. Pode envolver, também, o reconhecimento e a valorização positiva da diversidade cultural. Mais radicalmente ainda, pode envolver uma transformação abrangente dos padrões sociais de representação, interpretação e comunicação, de modo a transformar o sentido do eu de todas as pessoas. Embora esses remédios difiram significativamente entre si, doravante vou me referir a todo esse grupo pelo termo genérico “reconhecimento”. (FRASER, 2006, p. 232)

No entanto, aqui no reconhecimento, o que vai ser posto para discussão é a necessidade de uma constatação buscando trazer de volta o que lhe foi tirado – como se fosse uma forma de compensação – configurando então uma luta por revalorização da identidade, e também uma luta em defesa à diversidade cultural. Fraser (2006) chega a conclusão de que tanto a redistribuição quanto o reconhecimento estão relacionados mais precisamente a uma questão de justiça, não podendo serem reduzidos a uma questão psicológica de autorreconhecimento e estima social.

O gênero surge então como um elemento da coletividade que traz vários impasses, a começar pelo pensamento misógino que circunda determinadas pessoas, onde se carregam preceitos que são levados como imutáveis, ideias conservadoras e androcêntricas que normalmente são apreendidas desde a infância, em um espectro cultural. Fraser levanta questões intrínsecas ao gênero e raça, como paradigmas de coletividade bivalentes (p. 233), onde, mesmo com as singularidades de gênero sendo distinta - em partes - das singularidades de raça, elas se enquadram no mesmo âmbito de dimensões, sendo elas econômicas e cultural-

valorativas, implicando, pois, em redistribuição e reconhecimento. A palavra gênero não dispõe de um único significado, bem como seu conceito, e pode ser interpretada de diversas maneiras, mas basicamente é conceituada como as relações sociais que formulam a construção do comportamento que irá configurar a identidade social das pessoas.

A presente pesquisa parte da problemática “Qual a relação entre o dilema da redistribuição-reconhecimento e as questões voltadas ao gênero?” e seu objetivo geral busca identificar as problemáticas concernentes ao gênero no meio social, fazendo uma análise do artigo de Nancy Fraser. Tem como objetivos específicos analisar a figura da mulher frente às políticas de redistribuição e reconhecimento, bem como descrever como a diversidade cultural é abordada em meio a sociedade, mais especificamente às questões de gênero.

A banalização da mulher no meio social e as políticas de redistribuição-reconhecimento

Culturalmente a mulher é tratada como inferior ao homem em todas as situações, indiscutivelmente esse é um fato que está enraizado na sociedade ocidental, e mesmo que no cenário atual, questões estejam sendo levantadas com frequência, com o intuito de defender a conquista do espaço da mulher como pessoa, e não como as características que são atribuídas à ela (mãe, esposa, dona de casa), ainda vemos muitas situações que ridicularizam as mulheres explicitamente e implicitamente, sendo esta última forma a meu ver a mais preocupante, pois é resultado da aculturação do machismo. De acordo com Fraser (2006), a injustiça contra a mulher se dá de duas formas cumulativamente, pois é

econômica/material, e cultural/simbólica, e para compensar essa injustiça de gênero devem haver mudanças políticas e culturais. A dicotomia redistribuição-reconhecimento pode ser utilizada para sanar as injustiças de gênero ainda que de forma distinta, pois enquanto a lógica do reconhecimento é valorizar a especificidade de gênero a lógica da redistribuição é colocar fim nessa especificidade. (FRASER, 2006)

Há uma diferenciação entre identidades de gênero e identidades sexuais, onde as identidades de gênero são constituídas quando os sujeitos se identificam social e historicamente como femininos e masculinos, e as identidades sexuais são construídas a partir das formas como os indivíduos vivem sua sexualidade. E o gênero aparece então como um elemento que determina uma segregação que ocorre entre homens e mulheres, em que homens serão destinados a funções com maior remuneração, com maior visibilidade, e às mulheres restarão os serviços domésticos ou ditos como femininos.

Joan Scott (1994) traz novas perspectivas para as questões que inferem ao gênero, apresentando o conceito do gênero como algo criado para se opor a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social e busca a desconstrução dos vícios do pensamento ocidental, como os conceitos atemporais e determinismos impostos ao homem e a mulher.

Judith Butler, em seu livro Problemas de gênero, traz uma interessante análise acerca da figura do “ser mulher”, pois segundo ela, se alguém é uma mulher, certamente isso não é

tudo que esse alguém é. (Butler, 2012) Não basta atribuir características biológicas com intuito de que sejam estáticas, imutáveis, pois características biológicas não são pressupostos para determinar o modo de se portar frente à sociedade, muito embora seja encarada dessa forma, e sejam utilizadas como parâmetro para determinar o comportamento social.

Butler vem com uma proposta de desconstruir identidades que ao longo do tempo são construídas e estigmatizadas, e mesmo com essa idéia de desconstrução, entra em confronto com a idéia de uma fragmentação essencial. Ela vai defender que o gênero não deve ser tido como uma inscrição cultural de significado em um sexo previamente dado, mas tem de ser desenvolvido a partir do que é estabelecido. Dessa forma, destaca-se a necessidade de uma subversão de identidades, onde os papéis possam ser naturalmente invertidos sem que haja uma repressão social.

Ao trazer essa terminologia “fragmentação essencial” supramencionada, o questionamento que se levanta aqui é que essa desconstrução deve partir de aspectos íntimos, estruturais, e não se resume apenas a um dado termo, englobando também as ações, e diante disso, a intenção é abolir a diferenciação de gênero para valorizar as especificidades. Em confronto com essa idéia, Fraser traz a idéia do

queer, que faz alusão a tudo aquilo que foge dos padrões impostos, tudo que é tido como estranho, mas que precisamente questiona os conceitos que são atribuídos às essências (masculinidade e feminilidade), buscando como foco central, a desconstrução do que é construído ao longo dos anos.

De acordo com Paul Preciado, a Teoria Queer “é uma teoria de empoderamento dos corpos subalternos, e não o empoderamento assimilacionista. O empoderamento que nos faz fortes em nossas margens e ocupar os espaços com novos corpos transviados” (PRECIADO, 2014). No Brasil o termo queer é pouco ou quase nunca utilizado, porém essa subalternização dos corpos é bem presente na nossa sociedade, e as pessoas no geral utilizam termos chulos para designar os corpos subalternos, porque na verdade, é o que se aprende desde a infância, “o viado”, “o traveco”, “a sapatão”, são termos que não causam tanta repercussão no meio social e por isso não são corrigidos.

É necessário estarmos sempre voltando para a questão do dilema da redistribuição-reconhecimento, pois o gênero está imbricado tanto na política da redistribuição como na política de reconhecimento, dando início a outra questão complexa, que é a busca simultânea da redistribuição e reconhecimento entre as feministas e anti-racistas.

As feministas devem buscar remédios que dissolvam a diferenciação de gênero, enquanto buscam também remédios culturais que valorizem a especificidade de uma coletividade desprezada. Os anti-racistas, da mesma maneira, devem buscar remédios econômico-políticos que dissolvam a diferenciação “racial”, enquanto buscam também remédios culturais que valorizem a especificidade de

coletividades desprezadas. Como podem fazer as duas coisas ao mesmo tempo?
(FRASER, 2006. p. 236)

Socialmente a mulher é discriminada, e isso se dá por uma solidificação do pensamento machista que aparece mesmo quando se diz que não está sendo evocado. Com os frequentes debates que tentam trazer a mulher ao protagonismo, as pessoas passam a limitar a exposição de seus pensamentos preconceituosos, por medo da repressão, sendo uma espécie de preconceito velado. Da mesma forma ocorre com o preconceito racial, as pessoas tendem a reprimir quem propaga o preconceito quando em suas vidas íntimas tendem a ser preconceituosos e machistas.

A diversidade cultural e suas perspectivas

É sabido que no Brasil há uma vasta diversificação cultural, que se explica historicamente pela miscigenação dos povos ocorrida desde os primórdios com a imigração de pessoas de vários países para o território brasileiro, e essa diversificação foi importante para esse multiculturalismo que hoje temos. Cada região tem suas peculiaridades e isso é interessante para a construção de nossa sociedade, entretanto, mesmo com essa pluralidade de identidades, a aceitação cultural é deficiente.

É cada vez mais frequente a propagação do ódio daquilo que não é “aceitável culturalmente”, através da violência física, virtual e verbal. As pessoas tendem a ridicularizar o que não é igual, e acabam reforçando uma cadeia, tornando-se cada vez mais difícil dar fim.

Nancy Fraser (2006), traz a tona uma ideia de compensação ao desrespeito, em se tratando da injustiça cultural, por meio da revalorização das identidades grupais injustamente desvalorizadas, e traz uma querela entre “remédios afirmativos para tais injustiças presentemente associados ao que vou chamar “multiculturalismo mainstream” (Fraser, p. 237) De outro lado, os remédios transformativos “compensariam o desrespeito por meio da transformação da estrutura cultural-valorativa, subjacente.”

Embora muito se fale sobre a diversificação dos sujeitos brasileiros, a população do país é tomada por um grave problema, que é a discriminação – importante dizer que não é só o Brasil que enfrenta esse problema – e as pessoas passaram a construir uma identidade brasileira que não existe, uma espécie de maquiagem do povo contra seu próprio povo. Aspectos culturais são ridicularizados por determinadas pessoas, enquanto outros aspectos são enaltecidos, dando voz apenas às classes dominantes, formando-se um ciclo vicioso e fator fundamental para a existência dessa discriminação que é gritante.

Tal problemática é imprescindível para compreender as perspectivas da desigualdade social, que se ramifica nos comportamentos sociais e está enraizada, sendo necessário então pontuar as deficiências que a sociedade de maneira geral enfrenta, para que se façam análises visando a desconstrução de conceitos incorporados ao longo do tempo, e para que enfim se consiga resolver esses problemas

sociais, pois não se pode permanecer em uma situação “injusta” utilizando-se da afirmativa de que é impossível mudar, porque isso seria se acomodar, e se acomodar é uma definição determinante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero representa, segundo Fraser (2006), um modo bivalente de coletividade, onde há uma separação contendo de um lado uma face de economia política e de outro, uma face cultural valorativa. Sendo assim, esse modo de coletividade precisa ser abordado de maneira inclusiva, como a própria nomenclatura diz, coletivamente, com suas singularidades. Diante disso, é preciso construir mecanismos que façam com que as especificidades de gênero sejam tratadas sem discriminação, a começar pela desconstrução de conceitos que são impregnados desde a infância.

Conclui-se, portanto, que, os remédios para dar fim às injustiças de gênero podem ser tanto redistribuição - no sentido de haver uma distribuição igualitária acabando com a centralização do poder nas mãos das minorias - quanto reconhecimento, no sentido de dar voz aos menos favorecidos. Posto isso, é importante que se diga que o dilema da redistribuição-reconhecimento não é uma medida autossuficiente, uma vez que outras medidas devem corroborar para a divisão de uma sociedade justa e igualitária. E isso se torna possível através de uma reeducação cultural, onde possam ser respeitadas as identidades multiculturais de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FRASER, Nancy. **Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”**. Cadernos de campo, n. 14/15, p. 231-239. São Paulo, 2006.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas, 1994.

Correspondência a: Gabriela Aparecida Ribeiro de Araújo Costa. E-mail: gabrielaarac@outlook.com Artigo recebido em 27/12/18. Aceito em 30/12/18